

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Bianca Costa Ceroni

Encontros com a Fantasia:
a Linguagem e a Infância na obra de Gianni Rodari

Porto Alegre

2011

Bianca Costa Ceroni

Encontros com a Fantasia:
a Linguagem e a Infância na obra de Gianni Rodari

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dra Maria Carmen Silveira Barbosa

Porto Alegre

2. Semestre

2011

Dedico esse trabalho ao Vozito Luiz Carlos Costa- *in*
memorian- que sempre esperou muito de mim...

*Lugar sem comportamento é o coração.
Ando em vias de ser compartilhado...
(Manoel de Barros)*

Com esse espírito, desejo *compartilhar* meu coração e meus agradecimentos à:

- Minha orientadora Maria Carmen Silveira Barbosa, por ter me apresentado Gianni Rodari, aos estudos da Infância e a uma forma muito especial de orientar trabalhos e por vezes, a vida das pessoas. Obrigada por nossa caminhada juntas nesses quatro anos de graduação. Aprendi muito contigo e com a tua luta por uma educação pública de qualidade para todos, especialmente aos bebês e às crianças pequenas.
- Aos meus amigos Susana Fernandes e Paulo Focchi pelo tempo dedicado a minha pessoa e ao meu trabalho através da leitura cuidadosa, da escuta atenta e carinhosa, pelos caminhos sugeridos e pelos almoços divertidos.
- À amiga que eu escolhi na vida e na profissão, Larisa da Veiga Vieira Bandeira, por sempre me indicar as melhores leituras, por compartilhar os melhores (e os piores) momentos e por deixar melhor cada dia desse processo de formação.
- Aos meus pais queridos, sempre! Ao meu pai por acreditar em mim, duvidando, inclusive, das dificuldades encontradas no caminho. E a minha mãe, por compartilhar os anseios, desejos, utopias e sonhos que orientam nossa vida como educadoras populares, sempre em formação.
- A minha amada filha Larissa, que coloriu minha vida e deixou minha existência mais amorosa.
- Ao meu marido, amigo, companheiro de vida e profissão Anuar, pela companhia nos momentos difíceis, pelas palavras de incentivo quando precisei, pelas leituras incansáveis e, principalmente, pelo amor incondicional.

“Se um dia eu escrever essa estória, confiarei o manuscrito ao tabelião, em ordem de publicá-lo por volta de 2017, quando o conceito de *mau gosto* terá sofrido sua necessária e inevitável evolução. Nesse tempo, *mau gosto* será explorar o trabalho alheio e prender os inocentes. Quanto às crianças, elas serão mestras em inventar estórias realmente educativas, até sobre o cocô.” (RODARI, 1982, p. 102)

RESUMO

Este trabalho analisa de que maneira as noções de Infância e Linguagem circulam na obra de Gianni Rodari e quais articulações são possíveis a partir dessas. Configura-se em um estudo de abordagem qualitativa, do tipo análise documental, cujas ferramentas analíticas são as noções de infância e linguagem em duas obras e uma entrevista do referido autor. Elencou-se três eixos de análise, a saber: *Todos os usos da palavra a todos*: a potência da palavras e da linguagem na obra de Gianni Rodari, no qual problematizou-se o uso da palavra, bem como a linguagem como instrumento de autonomia e de ação à realidade. No segundo, *Um poeta a favor da infância- a infância como experiência*, analisou-se a noção de infância a partir de uma infância ativa e produtora de cultura, relacionada com conceitos de experiência segundo Kohan e Larrosa. No eixo *Para ser é preciso imaginar-se*, a noção de infância foi relacionada com a imaginação, a partir das definições de Rodari e Dewey. Foi possível perceber que a linguagem como oralidade dá suporte à fantasia, assim como qualifica o repertório fantástico. Além disso, as leituras indicam que a concepção de infância do autor se pauta em crianças produtores de saberes e de culturas, que através da linguagem atuam (re)inventando a língua, atribuindo novos sentidos aos usos e ao que pensam e fazem. A relação entre infância, linguagem e imaginação, indica que uma escola *a favor da criança* pode ser fundada na imaginação e na criatividade.

Palavras-Chave: Gianni Rodari. Linguagem. Infância. Imaginação.

Sumário

1. <i>E se ... as palavras criassem asas?</i>	8
2. Gianni Rodari: o poeta fazedor de infâncias.....	13
3. Metodologia: As lentes e as ferramentas que possuo	15
4. Eixos de análise:.....	21
4.1 Todos os usos da palavra a todos: <i>A potência das palavras e da linguagem na obra de Gianni Rodari</i>	22
4.2. <i>Um poeta a favor da criança – a infância como experiência</i>	26
4.3 <i>Para conhecer-se é preciso imaginar-se</i>	32
5. <i>Nem sempre é necessário dizer tudo o que se sabe</i>	37
REFERÊNCIAS:.....	40

1. E se ... as palavras criassem asas?

Esse trabalho de conclusão de curso se origina na urgência de fugir do que é esperado. Ou melhor, do que deveria ser escrito. Como professora do Município de Porto Alegre, ainda em formação, os conflitos, os sucessos e insucessos, as fragilidades e potencialidades da minha prática e mesmo do cotidiano escolar não foram os impulsionadores diretos dessa escrita.

Essa escrita nasceu do encantamento, da admiração por um escritor e sua obra. O desejo dessa escrita nasce na vontade de entender mais sobre a força da fantasia no cotidiano escolar, nos conceitos de linguagem e infância na obra ensaística do pedagogo italiano Gianni Rodari¹, a forma como esses conceitos se articulam e se relacionam, para quem sabe, pensar em uma Pedagogia da Infância.

Analisar a obra de Gianni Rodari me parece um tanto quanto *pretensioso*. Primeiro, pois não tenho conhecimento e nem acesso a tudo o que esse importante poeta produziu. Além disso, ao falar de Rodari, penso que seriam necessárias a presença das mais belas palavras, articuladas com metáforas poéticas, e as inusitadas figuras de linguagem. Ao iniciar esse inquietante trabalho, me parece que não existam palavras bonitas, divertidas, criativas ou mesmo erradas o suficiente para escrever sobre Gianni Rodari. Contudo, me permito tentar. Tento porque admiro o que conheço, escrevo porque me divirto com suas escolhas, me emociono com suas metáforas e aprendo com suas palavras.

O interesse na obra deste autor nasce, em um primeiro momento, em função de sua aproximação com Lóris Malaguzzi e as escolas de Reggio Emilia. A parceria desses dois importantes educadores pode ser verificada em alguns registros como por exemplo, no livro *Gramática da fantasia* onde Gianni afirma que em 1972 foi convidado a participar de um encontro com professores das escolas municipais infantis para apresentar o que Gianni denomina, “seus instrumentos de trabalho.” (RODARI, 1982, p. 12)

Este encontro com os professores foi intitulado *Encontros com a Fantasia* pela própria organização do evento, fato que deixou Gianni emocionado, tornando para o próprio autor, esse evento inesquecível. Ainda Rodari refere que a sistematização que ele fez para conversar com os professores se transformou na base fundante que daria origem, no ano seguinte, ao livro *Gramática da Fantasia*. Pois é nesse seminário que me inspiro para nomear esse trabalho de pesquisa.

1 Reservei um capítulo para apresentar o escritor.

Além disso, é possível perceber que Gianni Rodari foi fonte de inspiração para a pedagogia de Reggio Emilia, onde ele problematiza a arte de contar histórias. Gianni frequenta essas escolas e se utiliza das experiências vividas nesse período para escrever seu livro Gramática da Fantasia. Outra questão que une esses dois autores são os aportes teóricos do trabalho que realizam, sendo possível enumerar alguns autores como: Piaget, Breton, Dewey, Vygotski, Wallon entre outros.

Outrossim, no artigo *La escuela de la fantasia*, publicado em livro do mesmo nome, Rodari ressalta a qualidade do atendimento dos serviços que as escolas de Reggio prestam a infância e afirma que

A experiência de Reggio Emilia demonstra que é possível essa elevação da qualidade, graças ao que me parecem seus principais elementos distintivos: a qualidade da vida cotidiana que suas creches oferecem às crianças, as estruturas, a organização e a formação dos professores. (RODARI, 1974, tradução nossa, p. 74)

Ressalta no decorrer do capítulo esta é uma nova forma de organização escolar “Esta escola nova pode nascer e si demonstra com fatos que é possível”.(RODARI 1974, tradução nossa, p. 76) Sendo assim, percebo que assim como Rodari inspira as escolas de Reggio, estas também servem de inspiração para esse autor, quando problematiza as relações da criança com a escola.

Logo após esse primeiro contato, no ano de 2009 tive acesso à obra Gramática da Fantasia em uma disciplina do curso de Pedagogia. Essa leitura foi muito significativa e me possibilitou pensar que outras formas de problematizar a linguagem escrita são possíveis. A leitura dessa obra me deixou curiosa para conhecer outras publicações do autor, e assim como a organização das escolas de Reggio Emilia passaram a ser um de meus focos de interesse.

No segundo semestre de 2009, fui convidada a participar de um Sarau² sobre as poesias de Gianni Rodari, em função dos trinta anos de morte do autor. Esse evento foi organizado pelas professoras do NELE/ UFRGS- Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão e tinha como objetivo oportunizar o conhecimento de um recorte da obra do autor, bem como, que os alunos pudessem exercitar a oralidade da língua italiana.

Nesse Sarau percebi que a preocupação deste autor com a infância, com as crianças, o fazia questionar a escola, enquanto instituição, seus usos, escolhas e procedimentos. Esse evento me possibilitou conhecer a obra literária e poética de Rodari, gerando admiração e encantamento por suas concepções e ao mesmo tempo, pela forma de escrita.

2 Evento registrado pela Livraria Palavraria e com informações e registros disponíveis em <http://palavraria.wordpress.com/tag/palavreando-a-fantasia-30-anos-sem-gianni-rodari/>. Acesso em 4/12/2011.

Por fim, acrescento que durante esse processo de formação acadêmica por vezes tão endurecido e inexorável, as linhas de fuga sempre se fizeram necessárias através da criatividade e da fantasia. Foi desafiador olhar com poesia a vida acadêmica, seus limites e suas possibilidades. Olhar com encantamento as dificuldades e potencialidades. Neste sentido, analisar a obra de Gianni Rodari me pareceu uma possibilidade de fugir do lugar comum.

Neste sentido, essa escrita pretende buscar de que maneira as noções de Infância e Linguagem circulam na obra de Gianni Rodari e, a partir dessas, quais relações/articulações são possíveis com a sociologia da infância ou na pedagogia da infância. Para tanto, este estudo tem como objetivos analisar de que maneira as noções de Infância e de Linguagem são narradas na obra ensaística e literária infantil de Gianni Rodari, bem como analisar as relações que podem existir entre as noções de Infância e de linguagem e a proposta pedagógica do autor.

Em função da importância que as palavras tem na obra do autor, os títulos dos subcapítulos foram construídos com expressões utilizadas pelo autor em suas obras. O primeiro subcapítulo se chama *Todos os usos da palavra a todos: A potência da palavras e da linguagem* na obra de Gianni Rodari, o segundo se chama *Um poeta a favor da criança - a infância como experiência*, onde serão feitas análises a respeito da concepção de infância de Gianni e sua relação com a experiência. O último subcapítulo de análise foi identificado como *Para conhecer- se é preciso imaginar-se*, onde será analisada a imaginação relacionada a infância e a linguagem. Por último, no capítulo *Nem sempre é preciso dizer tudo o que se sabe*, serão apresentadas algumas reflexões conclusivas, embora o assunto não se de por encerrado.

Outrossim, Gianni brinca em seu livro *Gramática da Fantasia* ao perguntar *O que aconteceria se um crocodilo batesse a sua porta pedindo um pouco de rosmaninho?* O autor sugere esse jogo linguístico a fim de que hipóteses fantásticas possam ser usadas para estabelecer relações com a realidade. Nesse estudo, me permito pensar na possibilidade de que as palavras possam *criar asas*. Tendo em vista o processo de escrita denso e por vezes tenso, em que me insiro, percebo que por vezes, mesmo sem autorização, as palavras possam ter criado asas. Por vezes, a distância deste voo pode ser difícil de ser lida, mas minha intenção enquanto pesquisadora foi a de manter as asas das palavras que aqui voarão.

Assim como espero que minhas palavras criassem asas, também espero que meus ouvidos de pesquisadora tenham se mantido verdes, infantis, a ponto de dar conta do que foi aos poucos estudo e conhecido.

O HOMEM DA ORELHA VERDE

Gianni Rodari

Um dia num campo de ovelhas
Vi um homem de verdes orelhas
Ele era bem velho, bastante idade tinha.
Só sua orelha ficava verdinha
Sentei-me então a seu lado
A fim de ver melhor, com cuidado.
Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade.
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda.
De um menininho tenho a orelha ainda
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
O que os grandes não querem mais entender
Ouço a voz de pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas e riachinhos
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto.
Compreendo sem dificuldade o sentido oculto
Foi o que disse o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas.

Contudo, espero que a leitura dessa minha escrita possa contribuir para que se conheça um pouco mais desse importante pedagogo poeta que criou infâncias, adultos e nos ajuda a sonhar outros modos de ser e estar na escola e no mundo.



Se, a despeito de tudo não acreditássemos num futuro melhor, de que adiantaria frequentar o dentista?

(RODARI, 1982, p. 99)

2. Gianni Rodari: o poeta fazedor de infâncias

Gianni Rodari é um pedagogo italiano que nasceu em 1920 em Omegna, na província de Varese. Formou-se professor em 1937 aos 17 anos, e lecionou de 1938 a 1943 na comuna italiana³ de Gavirate, localizada na região da Lombardia e na província de Varese. Para Gianni esse período foi de intenso e marcado por inúmeras aprendizagens e atividades culturais. Inicia suas leituras de Fiódor Dostoiévski, aprende a língua francesa, e se *alimenta* de poesias, especialmente a poesia surrealista francesa.

Com particular referência a sua experiência como professor, o autor refere suas dúvidas e questionamentos acerca dessa profissão que exerceu:

Devia ser um péssimo professor, pouco preparado para o trabalho, com a cabeça repleta de ideias que iam de linguística indo-europeia ao marxismo (...) eu tinha em mente tudo, exceto a escola. Todavia, acho que não fui um professor cansativo ou enjoado. Contava às crianças, um pouco por simpatia, um pouco pelo prazer do jogo, estórias sem a mínima referência à realidade ou ao bom senso, estórias que inventava servido-me das técnicas de Breton. (RODARI, 1982, p.12)

Esse excerto do livro Gramática da Fantasia nos indica uma das referências de Rodari: André Breton, um escritor, poeta e teórico do surrealismo francês. Assim como Rodari, Breton foi um comunista estudioso de Marx e que em seus escritos, se mostrava preocupado em mudar o mundo. Me parece que o uso das técnicas de Breton pudessem ser, de alguma forma, uma possibilidade de transgredir, de propor outras formas de expressão e de compreensão do mundo.

Gianni Rodari em sua juventude entrou no seminário e atuou fortemente em grupos de jovens católicos. Participou da Resistência e, logo após a libertação da Itália com a queda do Fascismo, filiou-se ao partido Comunista Italiano.

Em 1947 começou a trabalhar em um jornal, e inicia sua carreira jornalística dirigindo o semanário da Federação Comunista de Varese, *L'ordine nuovo* bem como, começa a escrever como colaborador para alguns jornais. Em 1950 funda e dirige o *Pioniere*, sendo esse o primeiro e ao que me parece, um dos únicos jornais destinados às crianças com inspiração nos ideais do movimento trabalhista. Durante esse período, sofre perseguição política sendo, inclusive hostilizado e atacado como diretor do *Pioniere* e como autor esquerdista.

Além disso, as palavras escritas de Gianni Rodari e citadas no início desse

3 Comuna italiana é a unidade básica de organização territorial da Itália, equivalente aos municípios brasileiros.

subcapítulo, nos indicam a sua predileção por contar histórias às crianças. Quem sabe tenha sido por esse motivo, em 1950, começa a publicar histórias infantis. Seu primeiro livro infantil é *Il libro delle filastrocche*, que poderia ser livremente traduzido como O Livro das Poesias Infantis. Em 1960 começa a publicar pela Einaudi Editora.

Em 1970 ganha o Prêmio Andersen o que, de certa forma, concedeu visibilidade internacional ao autor e sua obra, uma vez que o prêmio é concedido a cada dois anos pela *International Board on Books for Young People* (filiada à UNESCO) para escritores e ilustradores vivos. O nome deste prêmio homenageia o poeta e escritor dinamarquês de histórias infantis Hans Christian Andersen. Em 1979, Gianni Rodari começa a sofrer de problemas circulatórios que o levaram a fazer uma cirurgia e o levou à morte 14 de abril de 1980.

Embora essa escrita não pretenda ter um carácter biográfico, julguei importante marcar esses fatos na vida de Gianni Rodari, considerando a provável influência que os fatos tem na obra do autor em questão.

3. Metodologia: As lentes e as ferramentas que possuo

A escolha por um método de pesquisa requer experiência do pesquisador ou mesmo algum tipo de certeza sobre o que será estudado. O processo de escolha pressupõem abrir mão dos caminhos possíveis e de deixar de lado as ferramentas desnecessárias. Faz-se inevitável fazer escolhas, munir-se das ferramentas adequadas e apropriar-se das lentes que possibilitarão enxergar o que está posto. Ciente de que o olhar do pesquisador produz os dados, as lentes utilizadas se referem às leituras realizadas e autores estudados.

Para analisar a obra de Gianni Rodari, escolhi um estudo de abordagem Qualitativa, de tipo Análise Documental, cujas ferramentas de análise são os conceitos de infância e linguagem presentes na obra de Gianni Rodari. A pesquisa Qualitativa é muito utilizada nas Ciências Humanas e tem suas características associada a importância do processo de pesquisa tanto quanto a produção de seus dados e resultados.

Quanto a essa abordagem, Marli André e Menga Lüdke trazem para discussão um estudo realizado por Bogdan e Biklen que afirma que a abordagem qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.” (BOGDAN; BIKLEN apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13)

Dentro de todas as possibilidades que oferece o campo de pesquisa com abordagem qualitativa, escolhi para esse estudo o tipo de pesquisa Análise Documental se caracteriza pela exploração ao material selecionado, a fim de identificar informações, conforme o foco de interesse. Sendo assim, essa pesquisa, tem como intenção realizar uma imersão na obra do autor a fim de analisar informações e estabelecer relações entre conceitos de infância e de linguagem na obra do autor Gianni Rodari.

Neste caso específico, esse tipo de pesquisa se justifica em função da impossibilidade de realizar entrevistas, ou mesmo observações que levem a compreender as intenções e opções teóricas e filosóficas deste autor. Sendo assim, seus livros ensaísticos me parecem a forma de compreender esses conceitos.

A Análise Documental tem seu uso predominante na área da História, sendo muito utilizada especificamente na História da Educação. Em artigo recente, Berenice Corsetti afirma que esse tipo de pesquisa vem se transformando na medida em que o conceito de Documento se modifica. Adquiriram *status* de documento cartas, memorandos, diários pessoais, cadernos escolares, obras de arte, jornais, revistas, e até mesmo programas de rádio

e televisão. Contudo, o valor atribuído ao documento não se perde. Conforme Corsetti:

Apesar dessa “revolução documental”, os pesquisadores têm insistido na necessidade de, mesmo para aqueles que abordam novos temas e que utilizam fontes não tradicionais, de recorrerem aos arquivos. Mas em vez de fetichizarem os documentos, acreditando que eles possam falar toda a verdade, os historiadores da educação têm se esforçado para problematizar essas fontes. (CORSETTI, 2006, p. 36)

Sendo assim, essa pesquisa não tem a intenção de *encontrar* os conceitos de linguagem e de infância na obra do referido autor, como se essas fossem verdades absolutas enraizadas na obra. A intenção é de buscar problematizar os conceitos, construí-los com as pistas deixadas pelo autor.

O processo de pesquisa aqui descrito iniciou-se com uma extensa pesquisa e levantamento bibliográfico da obra do autor. Nesse processo de pesquisa foi possível perceber que o autor em questão tem poucos livros traduzidos para o português, bem como poucas pesquisas sobre seus estudos.

Ao realizar o levantamento na internet, encontrei dois estudos acadêmicos que mencionam Rodari, publicados em português. O primeiro estudo é uma tese de doutorado, realizada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela aluna Alessandra Paola Caramori, orientada pela Professora Doutora Maria Aparecida Barbosa e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Este estudo pretende coletar subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngüe (italiano-português) de expressões idiomáticas utilizadas em algumas obras desse autor.

Além disso, encontrei um artigo escrito por Daniela Brum e tem como foco de análise a Imagem alimentar na obra do escritor italiano Gianni Rodari (1920-1980). A autora do artigo inicia seu trabalho analisando as propostas do escritor em Gramática da Fantasia (1982) em que o autor aborda, o que a autora considera, algo muito presente em nosso cotidiano: o alimento. Em um segundo momento, Brum analisa textos literários que usam o alimento como metáfora.

Concomitante a esse processo, fui realizando um levantamento bibliográfico das poesias de Gianni Rodari, que são inúmeras. O autor tem muitos livros publicados na Itália e alguns livros destinados ao público infantil traduzidos para o português. A leitura das poesias de Rodari foram intensas e proveitosas. Contudo, surgiram algumas dificuldades: o fato de não ter familiaridade com a escrita poética, não conhecer seus campos de análise e acima de tudo, a dificuldade em realizar um recorte na obra poética do autor, me fizeram continuar a

procura pelo meu corpus de análise.

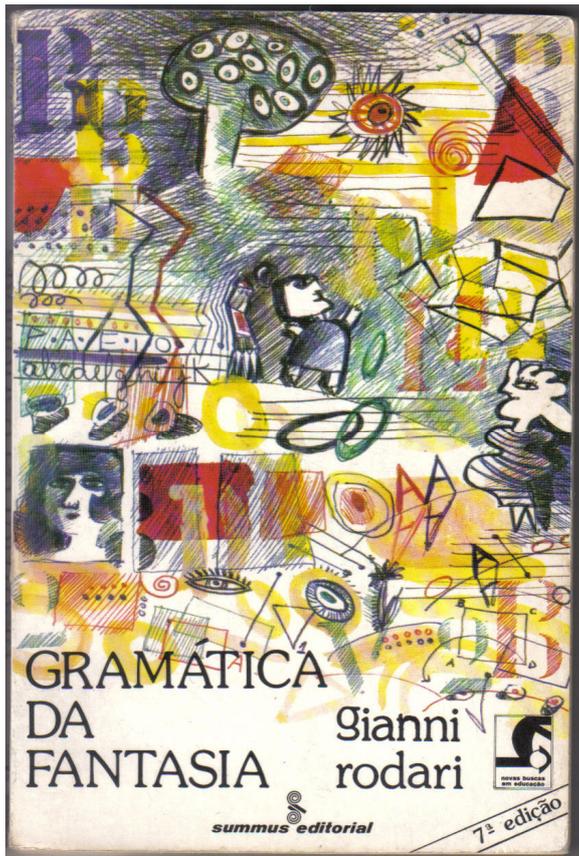
Nesse contexto, ao buscar concentrar a análise em ensaios do autor, encontrei como possibilidade, o livro **Gramática da Fantasia**, um publicado originalmente na Itália em 1973. A Gramática da Fantasia não é um livro teórico e nem um *manual de receitas* para quem se interessa pelo tema. Esse livro traz um apanhado de propostas para enriquecer o ambiente onde vive a criança, sendo ele escola ou a casa onde mora. O livro é enriquecido por trechos recolhidos de falas ou escritas de crianças ao longo dos anos de atuação profissional de Gianni Rodari. Inicialmente, esse livro seria o principal instrumento de análise, uma vez que é o único livro publicado pelo autor dirigido a professores, pais, educadores. Para esse estudo, tive acesso a sétima edição traduzida no Brasil e publicada em pela Editora Summus em 1982.

Associado a esse livro, pensei em pesquisar nas poesias deste autor as noções de infância e linguagem, a fim de relacionar com as pistas deixadas pelo autor na Gramática. Contudo, a problemática de que material seria muito amplo, qualquer recorte de tempo ou conteúdo seria arbitrário permanecia, o que me fez, de certa forma, abandonar a ideia de analisar as poesias.

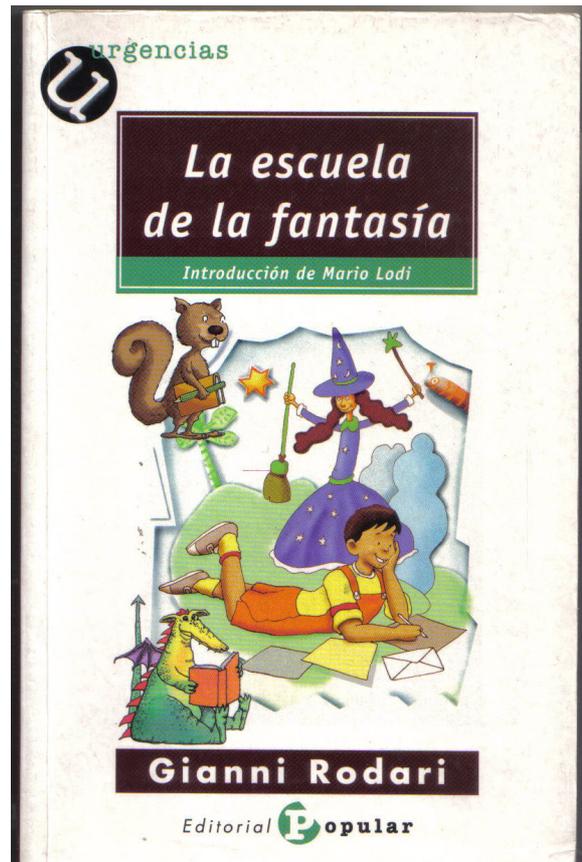
Sendo assim, com a pesquisa já em andamento, fui apresentada ao livro **La escuela de la fantasia**⁴. Esse livro não está listado na bibliografia de Rodari, pois Carmine De Luca⁵ juntou textos que julgava importantes e organizou, juntamente com a filha e esposa de Gianni Rodari, o livro em questão. Segundo a organizadora do livro, os textos contidos neste são os mais profundos e completos nas questões escolares e educacionais.

4 A colega do curso de Pedagogia Michele Teixeira, solicitamente mostrou-me o livro e emprestou-o durante todo o período de pesquisa.

5 Carmine de Luca é membro do comité científico do Centro de Estudos Gianni Rodari, localizado na comuna italiana de Orvieto. O Centro de Estudos é que mantém o site <http://www.rodaricentrostudiorvieto.org/>



A Gramática da Fantasia



La escuela de la Fantasia

Contudo, é importante ressaltar que a intenção desse estudo era de utilizar fontes primárias. Devido algumas dificuldades em acessar os dois livros no idioma original e a primeira edição, foram utilizados livros traduzidos e já reeditados.

Além disso, como último objeto de análise uma entrevista feita com o autor em 1975 e publicada em forma de vídeo e disponibilizada na internet. A fim de complementar os dados analisados, utilizei uma entrevista de Gianni Rodari, através de um pequeno vídeo disponível on line. De acordo com Elisabete Pádua

Fontes que não existem sob forma de textos escritos podem ser consideradas documentos para a pesquisa (fotos, filmes, audiovisuais) nos casos em que se necessita documentar um processo de desenvolvimento, mudanças de comportamento, crescimento, e outros. (PÁDUA, 1996, p. 63)

É importante destacar que não foi utilizado o termo de Pesquisa Bibliográfica pois o material analisado era composto de livros e vídeo. Esse último não se encaixa na pesquisa bibliográfica e sim na Análise Documental.

Para este estudo utilizei um livro em espanhol e o vídeo em italiano com a entrevista de Gianni Rodari. A fim de facilitar a leitura, fiz as traduções para o português, e neste

trabalho não constam os trechos na língua original. Nas referências no final do trabalho constam as referências, para quem se interessar em procurar os excertos na língua em que foram produzidos.

É importante ressaltar que esse processo de escrita não se deu de forma vertical. Ao mesmo tempo em que as análises já estavam sendo realizadas, novos materiais de pesquisa eram encontrados. No processo final de amarração dos dados, encontrei, através da internet, o Centro de Estudos Gianni Rodari, localizado na comuna italiana de Orvieto. O Centro de Estudos mantém o site <http://www.rodaricentrostudiorvieto.org/>, abastecido com artigos e materiais de Gianni Rodari. Além disso, descobri que na cidade em que Rodari nasceu, foi fundado o *Parco della Fantasia* em Omegna. Esse parque também tem um site (<http://www.rodariparcofantasia.it>) e recebe visitas de escolas e famílias.

Esses materiais não foram utilizados neste processo analítico em função da amplitude na rede de informações e a dificuldade de averiguá-las. Sendo assim, optei em trazer as informações e deixá-las como referência caso outras pessoas pretendam conhecer e aprofundar os estudos acerca de Gianni Rodari.

Contudo, se faz importante afirmar que trabalhar com a Análise Documental requer disciplina de estudo e de escrita. É uma pesquisa que depende exclusivamente de quem a escreve, o que requer organização e pressupõe uma razoável administração do tempo. É preciso ler continuamente, e escrever permanentemente.

Como foi anunciado no início do capítulo, as lentes que utilizei para escrever esse trabalho foram inspiradas no texto *Sobre a Lição*, escrito por Jorge Larrosa. Larrosa afirma que uma leitura pode ser uma lição e ao mesmo tempo uma convocação. Neste sentido, a leitura das obras pretendia ser um jogo de ensinar e aprender, amparada na busca pelo que Larrosa chama de “verdadeira leitura, ou se quisermos, uma verdadeira aprendizagem na amizade e na liberdade.” (LARROSA, 1999, p.140) Ainda inspirada em Larrosa, na tarefa da leitura busquei estar atenta as três escutas anumeradas por esse autor: “(..) lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo.” (LARROSA, 1999, p.141)

Assim sendo, fazem parte do corpus desse trabalho os ditos, os silêncios e o que das leituras me foi possível construir enquanto discurso. Além disso, ciente de que as noções que buscava não estariam explícitas nos textos, minha *verdadeira leitura* trouxe à baila noções e afirmativas mas também perguntas. Segundo Larrosa:

No ler a lição, não se buscam respostas. O que se busca é a pergunta a qual os

textos respondem. (...) a leitura não resolve a questão, mas reabre, a re-põe e a re-ativa, na medida em que nos pede correspondência.(...) Na leitura da lição não se busca o que o texto sabe, mas o que pensa. (LARROSA, 1999, p.142)

Neste contexto, o processo de ler-escutar Gianni Rodari através da análise documental deu lugar a um trabalho composto de poucas certezas, com algumas suposições, permeado por muitos questionamentos e um imenso desejo de que a obra desse poeta pedagogo se torne cada vez mais conhecida. Sendo assim, com o intuito de dar conta de alguns tópicos de análise que contemplem as noções de infância e linguagem na obra de Gianni Rodari, foram elencados três eixos de análise que serão analisados no capítulo seguinte.

4. Eixos de análise:

A leitura da obra de Gianni Rodari se deu a fim de procurar pistas sobre as noções de Linguagem e Infância. Ao mesmo tempo, busquei estar atenta ao novo, ao que nasce ou se mostra diante dos olhos. Assim, ao analisar a obra do autor, foi possível perceber que os conceitos de linguagem e infância se mostram relacionados com a fantasia e a imaginação em diferentes momentos da obra do autor.

Tendo em vista a importância das noções e sua recorrência, foram organizados três eixos de análise que serão expostos a seguir. É importante salientar que essa divisão didática, pragmática e por vezes dualista, não existe na obra do autor: optei em fazê-la a fim de estudar cada noção, e ao mesmo tempo, tentar compreendê-las. A necessidade de segmentar o que parece indissolúvel me parece que venha da relação com o conhecimento. Talvez também venha de um processo de formação que por muitas vezes foi compartimentado, retalhado e separado para depois de muito estudo e leitura, ser amarrado e costurado da melhor forma possível. Durante esse processo de amarração, as linhas que um de nós utilizou foram diferentes. As minhas linhas se inspiram na Pedagogia da Infância e almejam, assim como Gianni Rodari, problematizar a forma de perceber e (re) conhecer a infância e a linguagem.

Sendo assim, a partir da leitura extensiva da obra escolhida emergiram três eixos de análise. Os eixos foram nomeados com expressões utilizadas pelo autor em seus escritos, em função do significado de cada expressão, bem como do uso que o autor faz de cada uma delas. Neste sentido, o primeiro eixo de análise é *Todos os usos da palavra a todos*: a potência das palavras e da linguagem na obra de Gianni Rodari, no qual problematizou-se o uso da palavra, bem como a linguagem como instrumento de autonomia e de ação à realidade. No segundo, *Um poeta a favor da infância- a infância como experiência*, analisou-se a noção de infância a partir de uma infância ativa e produtora de cultura, relacionada com conceitos de experiência segundo Kohan e Larrosa. No eixo *Para ser é preciso imaginar-se*, a noção de infância foi relacionada com a imaginação, a partir das definições de Rodari e Dewey.

Como leitora de Rodari, desejo que minha escrita seja convidativa à leitura, bem como, desejo que a minha leitura tenha capturado o que deveria ser visto e revisitado.

4.1 Todos os usos da palavra a todos: A potência das palavras e da linguagem na obra de Gianni Rodari

Nem toda palavra é
Aquilo que o dicionário diz
Nem todo pedaço de pedra
Se parece com tijolo ou com pedra de giz
(O Teatro Mágico)

Uma das questões mais marcantes na obra de Gianni Rodari é a preocupação com as palavras. Essa preocupação se mostra no cuidado que o autor tem ao escolhê-las, ao usá-las, ao brincar com elas e explorá-las em toda sua potencialidade. O uso inédito que o autor faz de algumas palavras, a forma de uso sintático e semântico, bem como a exploração em determinados contextos, dão ao texto de Rodari características poéticas e no meu entendimento, o tornam peculiar e belo.

Sendo assim, a escolha do título desse subcapítulo se inspira na força que a palavra tem na obra do Rodari: a palavra potente, com poder gerador de vida, de magia, de espanto, de alegria. A palavra que evoca o leitor e que provoca constituir novas formas de ler e conhecer seus textos.

É importante salientar que os livros de Gianni Rodari não tem a preocupação de serem teóricos ou de constituírem estratégias específicas de ensino e de aprendizagem. Além disso, o uso particular das palavras e as metáforas distanciam seu texto de textos acadêmicos duros e rígidos. No entanto, uma leitura cuidadosa percebe pistas que ajudam a pensar no cotidiano escolar.

Em seu livro *A gramática da Fantasia*, o autor sugere jogos para qualificar o ambiente linguístico das crianças. Especificamente no uso da palavra destaco três jogos: O Binômio Fantástico, o Prefixo Arbitrário (ou prefixo fantástico) e a Trama Fantástica. A escolha específica desses jogos se deu em função de que permitem manipular a palavra, desconstruir seus usos e sentidos, propor novas construções de sentido e significado.

O binômio fantástico consiste em propor agrupamentos de palavras que não pertençam ao mesmo campo semântico e que produzam um estranhamento ao serem unidas. O autor sugere que as palavras venham das crianças⁶, e que a junção dessas palavras se dê no intuito de gerar a produção de histórias. Somente nesse jogo seria possível juntar as palavras *cão* e *armário* e a partir de um possível *cão no armário* ou *armário do cão* imaginar histórias e criá-las a partir do improvável.

6 No livro *A Gramática da Fantasia* o autor dedica o capítulo 4 a explicar os procedimentos do jogo e suas sugestões e prováveis implicações.

Nesse jogo, a palavra adquire uma concepção diferente da concepção escolástica que pretende – a qualquer custo- tornar *cultos* os alunos e os que dela fazem parte. Pretende produzir especialistas em uma norma que rege o comportamento linguístico e social desejado no âmbito escolar (e fora dele). Essa mesma norma que nos deixa supostamente mais inteligentes, também nos emburrece, pois limita o uso das palavras enclausurando-as nos mesmos usos e sentidos. Para Rodari, a palavra tem um potencial libertador das amarras semânticas característicos de um modelo de escola tecnicista, duro, limitador e fatigante:

No binômio fantástico as palavras não estão presas a seu significado cotidiano, mas libertas da cadeia da qual fazem parte cotidianamente. São “estranhas”, “desambientadas”, jogadas uma contra as outras em mares nunca dantes navegados. Só então encontram-se em condições ideais para gerar uma história. (RODARI, 1982, p. 22)

O segundo jogo é o Prefixo Arbitrário que se caracteriza por uma brincadeira linguística autoexplicativa: consiste em transformar as palavras conforme os prefixos nelas anexados. Segundo o autor: “Um dos modos de tornar produtivas as palavras, em sentido fantástico, é o de deformá-las”(RODARI, 1982, p.32). Essa brincadeira de agir sobre as palavras, modificando-as, transformando-as e reconstruindo sentidos possibilita que as crianças – e os adultos - percebam a língua como viva, como passível de mudanças e de transformações.

Além disso, em diferentes momentos da Gramática da Fantasia o autor refere o uso da língua como brincadeira, como jogo.

As crianças devem fazê-lo, [brincar com as palavras, *deformá-las*] como um jogo de conteúdo muito sério, porque as ajuda a explorar as possibilidades da palavra, a dominá-la, forçando declinações até então inéditas; estimula a liberdade da criança enquanto ser falante com direito à sua prosa pessoal (...); encoraja o inconformismo. (RODARI, 1982, 32)

Brincar com as palavras me parece um preceito – ou conselho?- importante da obra de Gianni Rodari. Embora ele não cite literalmente como norma propriamente dita, percebo o “brincar com as palavras” como um fundamento de suas propostas. Esse pode ser um achado importante deste trabalho uma vez que a Pedagogia, enquanto ciência, reconheça o brincar somente relacionado ao corpo infantil, ao *faz de conta* de um tipo de materialidade.

Quando Rodari convida aos jogos com as palavras, o faz sem que haja uma intenção didática. O autor não propõe brincar com as palavras para fixar verbos ou adjetivos, por exemplo. A intenção é subverter o sistema linguístico, é divertir-se e imaginar. De acordo com Gianni: “Interessa, isto sim, entender que uma palavra, escolhida ao acaso, pode funcionar como uma palavra mágica para escavar campos da memória que descansavam sob a poeira do

tempo.” (RODARI, 1982, p. 15)

Me parece que Rodari credita à linguagem um poder transformador, reconhecendo principalmente a palavra como principal potência de transformação, uma vez que através dela a criança atua no mundo. A criança age também através da linguagem, especialmente quando liberada de seus significados convencionais de lógica, imposta por um sistema de pensamento racional e dualista.

Além disso, a expressão *todos os usos das palavras a todos*, como está no prefácio da Gramática da Fantasia, foi escolhida como parte desse subtítulo pois enfatiza a concepção de uso da linguagem de Gianni: uma linguagem democrática, acessível a todos e a cada um. Brincar com a linguagem, produzir erros e divertir-se com eles, podem ser uma maneira eficiente de empoderar-se da língua e ao invés de ser escravizado por ela.

A palavra como potência da linguagem é a pista que encontrei na Gramática da Fantasia. Neste livro, a linguagem mostra-se muito ligada à oralidade, principalmente relacionada com as histórias e a imaginação. Conforme Rodari: “Temos à disposição um amplo material para inventar estórias e podemos usar uma linguagem mais rica.” (RODARI, 1982, p. 89) Neste primeiro livro não encontrei uma defesa explícita das concepções de linguagem, e as poucas pistas que encontrei se referem a linguagem enquanto oralidade. O autor relaciona linguagem com a produção de histórias e, especificamente, enfatiza que ouvir história amplia o repertório de linguagem.

Contudo, no capítulo *La escuela de la fantasia*, contido no livro de mesmo nome, o autor escreve um subcapítulo *La lengua como el mar – Linguagem como o mar*, onde procura *des-disciplinarizar* a linguagem:

A Linguagem não é uma disciplina separada das demais, com limites precisos: aqui está a linguagem e aqui está a geografia (...). Sem a linguagem não há geografia, não há ciência, não existe nenhuma dessas que diferenciamos, classificamos e nomeamos de disciplinas; a linguagem é o ar em que vivem todas as chamadas disciplinas. (RODARI, 1974, tradução nossa, p.70-71)

Ao que me parece, o autor preocupa-se em ampliar o uso e o conhecimento que se tem da linguagem. Lendo ambos os livros, percebo que Gianni não adjetiva a linguagem, separando-as em expressiva e compreensiva, ou oral e escrita, por exemplo. Ainda no livro *La escuela de la fantasia*:

Estamos imersos na linguagem como um peixe na água, e não o nadador. O nadador pode mergulhar e sair, mas o peixe não. O peixe deve ficar aí dentro. Assim também nós estamos na linguagem: a falamos e, ocasionalmente, somos falados por ela. (RODARI, 1974, tradução nossa, p.71)

Nesse trecho especificamente, Gianni faz uso de metáforas a fim de ilustrar que

estamos emaranhados na e pela linguagem. A *linguagem como o ar*, a *linguagem como o mar* dá uma dimensão de alargamento das concepções. O autor explicita que a linguagem é muito mais do que a palavra, apesar da potência que as palavras têm. Nesse sentido, me parece importante re-afirmar que a linguagem não é disciplinarizada, uma estrutura isolada, passível de ser inventariada, enumerada.

Segundo Paulo Fochi

As linguagens são aquilo que usamos pra nos manifestar, pra nos comunicar...pra interpelar. Se a linguagem é da comunicação dos seres humanos, é natural que ela mude, assim como o homem muda. A linguagem é da ordem do visível mas também do invisível...do dizível mas também do indizível. Os olhos, os gestos, os sons, a voz, o corpo a palavras...são linguagens. Através delas, nos manifestamos pro mundo. (FOCHI, e-mail)

Nesse sentido, o alargamento da concepção se dá com relação à compreensão de linguagem quando a consideramos mais do que atividade comunicativa. Me parece que assim como as palavras, a linguagem pode ser geradora de vida, de movimento, de atividade. A leitura de Gianni Rodari me fez pensar que a criança age através da linguagem, e essa pode ser, também, um instrumento de autonomia. Além disso, a linguagem ampara e apara o homem, também o põe em movimento cognitivo e social. Em entrevista cedida em 1975, Gianni Rodari afirma que:

A linguagem das crianças é formada de imaginação, de pensamento lógico tudo junto... [sobre como falar com as crianças] Não é falar *como* as crianças. É falar como o mundo de hoje fala com as crianças: não se fala somente através de palavras, dos pais. Fala através de imagens, de máquinas, enfim de tudo o que caracteriza o mundo de hoje. É transformar tudo isso em palavras. (RODARI).

Sendo assim, percebo que a linguagem tem um lugar privilegiado na obra de Gianni Rodari, uma vez que é o instrumento através do qual a criança age e interage com e no mundo. Além disso, a linguagem enquanto oralidade dá suporte à fantasia, uma vez que desenvolvimento da linguagem qualifica o repertório fantástico, e possibilita novas formas de ser e estar no mundo.

4.2. Um poeta *a favor da criança* – a infância como experiência

Um e sete

Gianni Rodari

Conheci um menino que era sete meninos.
Seu nome era Paolo, vivia em Roma
e seu pai era condutor de bonde.
Mas também vivia em Paris se chamava Jean
e seu pai trabalhava numa fábrica de automóveis.
Também vivia em Berlim e ali seu nome era Kurt
e seu pai era professor de Violoncelo.
Mas ele também viveu em Moscou
seu nome era Yuri como Gagarin,
e seu pai era pedreiro e estudou matemática.
Também vivia em Nova York se chamava Jimmy
e seu pai era dono de um posto de gasolina.
Quantos foram? Cinco
Faltam dois: um se chamava Chu
vivia em Shangai e seu pai era pescador.
E o último se chamava Pablo vivia em Buenos Aires
e seu pai pintava casas.
Paolo, Jean, Kurt, Jimmy, Chu e Pablo eram sete,
mas eram sempre o mesmo menino.
Tinha oito anos de idade, sabia ler e escrever
e já sabia como montar a bicicleta sem segurar o guidom.
Paolo tinha cabelo escuro, Jean era loiro,
Kurt é castanho, mas eles eram o mesmo menino.
Yuri tinha a pele muito branca,
Chu tinha pele amarela, mas eles eram o mesmo menino.
Os filmes que Pablo via eram em espanhol, enquanto Jimmy via em inglês,
mas eram o mesmo menino.

Eles riam no mesmo idioma.

Agora os sete são crescidos
e já não pode declarar guerra
porque os sete são o mesmo homem.

A história que inicia esse subcapítulo foi publicada originalmente em italiano, no ano de 1962, como parte do livro *Favole al telefono* (Fábulas ao Telefone). Escolhi essa história para iniciar o capítulo pois, no meu entendimento, não existiriam palavras melhores para fazê-lo. Essa narrativa marca as diferentes infâncias, e ao mesmo tempo, marca a existência da infância enquanto categoria. Nas palavras de Gianni, as crianças tem marcas culturais, marcas de nacionalidade, de identidade familiar e individual. Ao mesmo tempo, através das crianças pode-se conhecer as infâncias que delas e com elas nascem.

As palavras de Gianni buscam na imaginação, na criatividade forças para reconstruir um mundo destruído pela guerra. O investimento de sua obra me parece o de ressignificar o lugar da infância. Em 1974 Rodari publica o artigo *La escuela de la fantasia* (já mencionado no subcapítulo anterior), em que faz referência a *Un nuevo papel para el niño*. Neste capítulo, Gianni explica o que significa a Gramática da Fantasia (publicada no ano anterior, na Itália), e afirma que uma nova concepção de escola implicaria em um novo papel para a criança: “Um papel de criança criadora, produtora, indagadora, em lugar de um tradicional papel passivo que a criança desempenhava na escola.” (RODARI, 1974, tradução nossa, p. 67)

Embora na maior parte da sua obra Gianni fale da criança e da infância, neste parágrafo me parece que o que Rodari deseja com sua escrita é um novo tipo de aluno, outra forma de ser aluno e conseqüentemente, uma outra infância. Neste contexto, a criança age através das palavras buscando entender o mundo e as suas próprias palavras, através da própria linguagem, bem como através da fantasia. No decurso de sua obra, Gianni refere uma infância criativa, inventiva e ousada:

Neste ponto eu os direi que eu gosto de interrogar as crianças de forma indireta colocando em movimento sua fantasia. Porque se eu apresentar um problema fantástico as soluções das crianças são sempre mais avançadas do que as minhas. (...) São sempre mais valentes e vão, invariavelmente, um passo adiante. (RODARI, 1980, tradução nossa, 97)

Embora a obra de Rodari se volte para a infância, se pensamos em nova criança, conseqüentemente, precisamos pensar em outro modelo de adulto também. Esse adulto seria um adulto que aprende com a criança, que se propõem a imaginar, e que não tem medo de errar. Nas palavras de Rodari:

Não se trata, à claro, de brincar “no lugar da criança” relegando-a ao humilhante papel de espectadora. Trata-se de se colocar a seu serviço. É ela que comanda. Brinca-se com ela, para ela, para estimular sua capacidade inventiva, para dar-lhes novos instrumentos que serão usados quando brincar sozinha, para ensiná-la a brincar. Enquanto se brinca, se fala. Aprende-se com a criança a falar com as peças do jogo, a compreender seus nomes e papéis, a transformar um erro em uma invenção, um gesto em uma história (...) (RODARI, 1982, p. 93)

Neste contexto, faz-se necessário um adulto atento ao que a criança precisa, ou melhor ao que precisa propor para a criança, conforme suas necessidades. Ainda segundo esse autor: “Cabe a mim, de vez em quando, perceber se a criança, em um dado momento do seu interesse pelas coisas, deseja *informações sobre a torneira* ou se quer *brincar com a torneira*, para obter, ao seu modo informações que lhe sejam úteis.” (RODARI, 1982, p. 88)

Ainda percebo, nas leituras realizadas, um adulto a serviço da infância, que aprenda com as crianças a fantasiar, a imaginar e a se dispor a aprender.

Ajudar a criança exige atenção, espírito de serviço e empenho constante de ser, para a criança, as cem coisas que necessita: um companheiro de crescimento, de jogo e de descoberta, um animador, o especialista, o poder que lhe dá as ferramentas que lhes falta, o adulto que provoca, que revela novos horizontes e novos rumos do movimento. Somos os degraus da escada pela qual a criança sobe. (RODARI, 1976, tradução nossa, p. 93)

Essas me parecem ser pistas importantes, uma vez que o desejo de formar crianças ativas, autônomas e produtoras de cultura, pressupõe que os adultos que com elas convivam tenham uma postura favorecedora de tais aprendizagens. Rodari ainda nos deixa indicações de uma infância que resolve problemas, que tem conhecimentos e produz cultura. Além disso, invoca uma postura do mundo, da sociedade com relação às crianças:

Para uma criança, qualquer criança, seria necessário aceitá-la como um fato novo através do qual o mundo começa novamente do zero, a cada vez. Esta é a principal coisa que se deveriam ensinar aos pais os manuais de educação para a família e aos professores nos tratados de pedagogia e didática. (RODARI, 1976, tradução nossa, p. 91)

No capítulo do livro *La escuela de la Fantasia* denominando *Estar a favor del niño*, Gianni afirma que somente através do pressuposto acima, de que o mundo começa sempre de novo, com cada criança, é que se podem justificar os “(...) discursos sobre os direitos das crianças, sobre a escola do tamanho das crianças, sobre a criança *produtora* e criadora, antes de consumidora (de saber, de culturas e valores). Em caso contrário, são um engano.” (RODARI, 1976, tradução nossa, p.92)

E Gianni segue afirmando que nesse mesmo sentido, os direitos das crianças mais “(...) primários e elementares (o direito à moradia, à infância, à brincadeira e à escola), não podem ser estabelecidos de uma vez para sempre: tem que se adaptar ao que as próprias crianças afirmam e querem; precisam que sejam garantidos seus direitos concretos e atualizados.” (RODARI, 1976, tradução nossa, p.92)

Essa é outra dimensão: uma criança responsável por firmar e reafirmar seus direitos, mas não no sentido de reivindicar pública e politicamente, mas no sentido de que sua presença

nos imponha seus direitos.

Essas palavras de Rodari me fizeram pensar que o mundo precisa aprender sempre, com cada uma das crianças que dele faz parte. Além disso, percebi relação com as noções de linguagem, discutidas anteriormente. Assim como o mundo precisa recomeçar com cada criança, a linguagem também se (re) constrói com cada criança, já que não existe linguagem anterior ao ser humano. Crianças- alunos ativos, que através da linguagem atuam re-inventando a língua, atribuindo novos sentidos aos usos e des-usos, ao que pensam e fazem. Me parece que as crianças agem através da linguagem, atuam pelas palavras que os ajudam a entender o mundo e a própria linguagem.

Em função dessa concepção de Rodari, foi que escolhi o título desse subcapítulo: Estar a favor da criança. Uma escola que se põe a favor da criança é aquela que se preocupa com a criança em primeiro lugar. Segundo Rodari: “Na educação o concreto é a criança: não é o projeto educativo, nem o programa escolar nem a técnica didática em si.” (RODARI, 1976, tradução nossa, p.92) Não que as técnicas e modos de fazer não mereçam atenção ou preocupação de quem faz educação. A questão me parece ser o lugar que as noções ocupam no cotidiano escolar. A ênfase precisa ser na criança, nas suas necessidades, facilidades, desejos e urgências.

Nesse mesmo sentido, Gianni questiona no livro *A Gramática da Fantasia* a importância que as escolas tem dado aos processos avaliativos e o que o grupo de professores tem feito com os resultados obtidos: “O fato é que as escolas lêem os testes para avaliá-los e classificá-los, não para entendê-los. A peneira da *correnteza* detem e valoriza o pedregulho, deixando passar o ouro...” (RODARI, 1982, p. 106) Essa escola que Gianni analisa e à qual se opõem, já demonstrava não responder as expectativas e necessidades dos alunos e da comunidade no geral. Contudo, a lógica dessa escola não se modificou. Me parece que quarenta anos depois da escrita do livro *Gramática da Fantasia*, a escola, como instituição, continua a valorizar *os pedregulhos*.

Além disso, o autor aposta na atuação da criança como forma de estar em atividade, de colocar-se em movimento. É possível perceber que Gianni insiste na atuação da criança por considerar que essas podem ir contra o senso comum, as crianças podem fazer diferente do que os adultos fariam. Ao falar das histórias engraçadas e de sua importância para as crianças, Gianni afirma que

Para que o riso tenha uma função positiva, é preciso que sua flecha golpeie as velhas ideias, o medo de mudar, a beatice das normas. Os *personagens errados* do tipo anticonformista devem ter destaque nas nossas histórias. A sua *desobediência* à natureza, ou às normas, deve ser premiada. São os

desobedientes que movimentam o mundo! (RODARI, 1982, p.108)

Ao afirmar que os desobedientes movimentam o mundo, Gianni Rodari se distancia da criança (e da infância) idealizada de muitas teorias e de livros didáticos e pedagógicos. A criança de Gianni Rodari é ativa, imagina, brinca, contraria, desobedece, produz e constrói cultura, ao invés de simplesmente consumir e reproduzir saberes, culturas e valores. Além disso, o senso de humor faz parte das crianças que precisam divertir-se, no sentido de que o riso também humaniza.

Ao afirmar, no poema escolhido para iniciar o capítulo, que as crianças riem no mesmo idioma, o autor me parece afirmar que o riso faz arte da infância, independente do idioma falado, do país em que vivem as crianças. É importante salientar que a noção não idealizada de Gianni Rodari se estende às concepções sociais e culturais desse autor. Reconhece os problemas a que são submetidas, as difíceis realidades em que vivem, mas reafirma a importância do riso e da alegria para que as crianças e os adultos se humanizem.

Além do riso, Rodari enfatiza em suas escritas a necessidade da experiência. Em alguns momentos de leitura, fiquei com a impressão de que o autor busca convencer o adulto a possibilitar às crianças diferentes experiências. Como afirma no trecho a seguir:

(...) os objetos caseiros dão informações com o mesmo material de que são fabricados, as cores com que são pintados, as formas em que foram desenhados (por um *designer* não mais por um artesão). Lendo estes objetos a criança aprende coisas diversas do que o avô aprendia lendo uma lâmpada de querosene. Insere-se um modelo cultural diferente. (RODARI, 1982, p.89)

Brincar com as linguagens, experimentar novos objetos, conhecer diferentes materiais e explorá-los a fim de descobri-los. Parece-me que a criança de Gianni Rodari conhece o mundo na medida em que o experimenta, experiencia.

A ideia que a criança faz do mundo é, forçosamente diferente da que o próprio pai fazia quando era criança, mesmo que a diferença seja de poucas décadas. A experiência da criança atual habilita-a a realizar operações diferentes. Talvez até operações mais complexas: no momento, a propósito, faltam medidas para afirmá-lo com segurança. (RODARI, 1982, p.89)

Não se trata de explicar para as crianças como o mundo funciona, ou dar informações sobre determinados objetos, como a torneira, por exemplo. Fala-se de proporcionar a experiência. Não como ato de bondade pedagógica, ou de caridade adulta. Trata-se de reconhecer o que a criança já faz: a criança vive o mundo experienciando-o. Larrosa tem um conhecido texto publicado em 2001, onde afirma que informação não é experiência, e ressalta que a primeira tem se sobressaído à experiência. Ouvir informações sobre o mundo e os

objetos, não é suficiente para saber sobre eles, para vivê-los. Além disso, Larrosa associa a experiência a aprendizagem, quando escreve que

Não deixa de ser curiosa a troca, a intercambialidade entre os termos “informação”, “conhecimento” e “aprendizagem”. Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação. (LARROSA, 2002, p.19)

Assim como Jorge Larrosa, Rodari problematiza aprendizagem associada a experiência, na medida em que afirma:

O que as crianças aprendem na escola representa a centésima parte do que aprendem com os pais, parentes, amigos, no ambiente físico e social em que eles crescem, nas ruas, com a televisão, com as brincadeiras, com os objetos e com tudo e todos. Aprendem incorporando palavras e noções, imagens e valores: certamente não de maneira passiva, por demais, sempre relacionando com as forças da personalidade assimilando o novo a esquemas precedentes e transformando continuamente esses esquemas. (RODARI, 1976, tradução nossa, p.91)

Essa perspectiva Piagetiana que Rodari apresenta em seus escritos, nos indica a força que atribui a experiência, uma vez que a criança atua sob o mundo, construindo sentidos e significados. Quando escreve que não podemos submeter a criança ao *humilhante papel de espectadora*, o autor valoriza a ação da criança, e me parece corroborar com a concepção de Larrosa que afirma “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, p. 21)

Sendo assim, conforme análise na obra de Rodari, me parece que a experiência é fundamental para que a criança conheça e atue no mundo. A criança precisa experienciar para conhecer, inclusive os sentimentos dos quais procuramos preservá-las como o medo, a raiva, a decepção, etc.

Contudo, a obra de Rodari nos mostra uma infância livre de esteriótipos, uma infância produtora de cultura, de saberes e valores. Uma infância ativa, que imagina, que brinca, que se impõe e expõem, e assim, me parece possível pensar a infância enquanto experiência.

4.3 Para conhecer-se é preciso imaginar-se

Na leitura dos subcapítulos anteriores, percebo que a noção de imaginação na obra de Gianni Rodari começava a se desenhar. Após leitura atenta e extensa das duas obras desse autor, percebo que a imaginação possa ser pensada como uma espécie de fio que costura as experiências infantis e a própria atuação da criança no mundo. Sendo assim, esse subcapítulo pretende trazer a baila algumas questões acerca da imaginação e relacioná-la com as noções já abordadas de infância e de linguagem.

Esse subcapítulo tem como título uma frase de Gianni Rodari escrita no livro Gramática da Fantasia, onde o autor defende a importância de se contar histórias às crianças onde elas próprias sejam as protagonistas. O autor aponta esse exercício como muito interessante para que a criança experimente enredos agradáveis, imagine um futuro de satisfações e compensações. Ainda adverte que a maior parte dos adultos faz uso desse jogo para ensinar ou para intimidar as crianças, o que seria comparável a “(...) usar um relógio de ouro para cavar buracos na areia.” (RODARI, 1982, p. 98)

Sobre o jogo de colocar a criança como protagonista da história Gianni afirma:

Nesse tipo de história a mãe recoloca a criança a sua experiência e a sua pessoa como objeto, ajudando-a a esclarecer o seu lugar entre as coisas, a agarrar-se às relações das quais é centro. Para conhecer-se é preciso imaginar-se. Não se trata, portanto, de encorajar na criança uma fantasia vazia, mas de dar-lhe uma mão para que possa imaginar o próprio destino. (RODARI, 1982, p. 99)

Neste sentido, a imaginação é um conceito fundamental na obra de Rodari, e por esse motivo, optei em torná-la eixo de análise desse trabalho. Gianni Rodari concebe a imaginação como estrutura formativa do ser humano, quase como condição da humanidade. Não é característica de alguns poucos agraciados, nem um *dom* ou capacidade a ser desenvolvida. A imaginação é constitutivo de nossa humanidade. Segundo Gianni Rodari: “A função da imaginação pertence ao homem comum, ao cientista, ao técnico; é essencial para descobertas científicas, bem como para o nascimento da obra de arte; é realmente condição necessária da vida cotidiana.” (RODARI, 1982, p. 139)

Geralmente associada ao ato de criar histórias nos livros de Rodari, a imaginação pode ser um mecanismo desafiador e potencializador de aprendizagens e experimentações. No livro Gramática da Fantasia, Rodari sugere algumas atividades a serem feitas com crianças, onde o único material necessário é a capacidade de imaginar. Um dos jogos mais interessantes é o Jogo de Errar Histórias, onde o contador da história erre-a propositalmente. O autor sugere que as histórias sejam de conhecimento das crianças, e adverte que esse poder não ser um

jogo simples. Conforme Gianni Rodari:

É um jogo mais sério do que parece à primeira vista. E é preciso saber jogá-lo. [...] É possível, portanto, que o jogo de errar histórias irrite um pouco as crianças, a princípio. Elas estão preparadas para a aparição do lobo, mas a aparição do novo as inquieta, não sabem se será amigo ou inimigo [...] Neste jogo, as crianças brincam menos com Chapeuzinho Vermelho e mais consigo mesmas: desafiam-se a enfrentar a liberdade sem medo, a assumir arriscada responsabilidade. Portanto, é preciso que as crianças estejam preparadas a um saudável excesso de agressividade, a saltos incomensuráveis no absurdo. (RODARI, 1982, p. 51-52)

Considero esse excerto importante, pois me possibilitou pensar que nem sempre os jogos e brincadeiras causam sensações agradáveis ou descontração o tempo inteiro. Rodari afirma que por vezes os jogos podem ser causa de desconforto, irritabilidade ou inquietação. E que isso é positivo. Também me parece possível pensar que a sugestão de propor um jogo que cause desconforto às crianças, corrobora com a noção de uma infância livre de esteriótipos, de fraquezas ou diminutivos. Para o autor, as crianças são sujeitos de direitos e potentes, que fazem uso da imaginação para conhecer e compreender o mundo e a si mesmas.

Contudo, penso que esse *fazer uso* não se restringe a uma perspectiva utilitarista da imaginação. A imaginação não serve para *preparar para aprender* outras noções, por exemplo. Quando o autor afirma que “as crianças brincam menos com Chapeuzinho Vermelho e mais consigo mesmas”, sugere um lugar pouco conhecido para a imaginação. Segundo Gianni:

A imaginação da criança não assiste passiva, mas é solicitada a tomar posição, analisar e sintetizar, classificar e decidir. Não há lugar para um vazio fantasioso, já que a mente obriga-se a uma atenção complexa, chamando a fantasia para assumir suas funções mais nobres. (RODARI, 1982, p.120)

Nesse sentido, a leitura das obras indica outros modos de se conhecer e compreender a realidade através da fantasia. Ainda segundo o autor: “Com as histórias e os procedimentos fantásticos para produzi-las, estamos ajudando as crianças a entrar na realidade muito mais pela janela que pela porta. É mais divertido, portanto mais útil.” (RODARI, 1982, p.30) Sendo assim, ao resolver os problemas fantásticos as crianças fazem uso dos recursos da fantasia, das suas experiências, ideias e concepções, enfim, do seu repertório de experiências a fim de significar a realidade.

No livro Gramática da Fantasia, Gianni escreve o capítulo *Imaginação, Criatividade, Escola* especialmente importante para essa análise. Neste capítulo o autor faz uma retomada de conceituações significativas para se compreender a fantasia e a imaginação. Rodari afirma que esses termos não incorporavam vocabulário antes do século dezessete e só tornaram-se conhecidos com Wolff “(...) para iniciar-se uma primeira distinção entre a faculdade de

produzir percepções das coisas sensíveis e a *facultas fingedi*, que consiste em produzir mediante a divisão e a composição das imagens, a imagem de uma coisa nunca perceptível ao sentido.” (RODARI, 1982, p. 137) O autor continua a retomada dos conceitos e afirma, que somente Hegel consegue a distinção definitiva entre imaginação e fantasia. Conforme Rodari ao falar de Hegel: “Ambas são, para ele, determinações da inteligência: mas a inteligência como imaginação é simplesmente reprodutiva; como fantasia é, ao contrário, criativa.”(RODARI, 1982, p. 138) Em seguida, Rodari afirma que não existe mais a necessidade de diferenciar os dois conceitos.

Embora Gianni Rodari não conceitue diretamente o que compreenda como imaginação, sua escrita nos dá pistas importantes ao afirmar que “(...) existe a sensação que nas estruturas da fábula a criança contemple as estruturas da própria imaginação e, ao mesmo tempo, as fabrique, construindo um instrumento indispensável ao conhecimento e ao domínio do real.” (RODARI, 1982, p. 117) Ao escrever que a imaginação é *um instrumento indispensável ao conhecimento e ao domínio do real*, o autor atribui uma importância considerável para essa noção que tem sido pouco estudada e contemplada dentro e fora da escola e ao que me parece, das discussões nos cursos de formação professores.

Então, percebo que Gianni simpatiza com a definição de Hegel quando afirma que a imaginação é uma determinação da inteligência, mas também percebo que os estudos de Gianni Rodari se inspiram nos estudos do psicólogo, filósofo e educador John Dewey (1859-1952). Tendo em vista que, especificamente ao abordar as noções de imaginação e fantasia Rodari faça uso de citações de Dewey, julguei necessário conhecer um pouco mais sobre as concepções desse importante pensador da educação contemporânea.

Em seu livro *Arte como experiência*, Dewey considera que a imaginação

É um modo de ver e sentir as coisas, à medida que elas compõem um todo integral. É a grande e generosa mescla de interesses no ponto em que a mente entra em contato com o mundo. Quando o velho e o conhecido se tornam novos na experiência, há imaginação. Quando o novo é criado, o distante e o estranho tornam-se as coisas mais naturais e inevitáveis do mundo. Há sempre uma dose de aventura no encontro da mente com o universo, e essa aventura é, em sua medida, a imaginação. (DEWEY, 2010, p. 461)

Ao que me parece, essa definição de Dewey se aproxima com as considerações de Rodari pois ambos escritores demarcam a experiência como ação deflagradora da imaginação. É através da experiência que o sujeito conhece o novo, atua sobre o conhecido, modifica o velho. Ainda assim, ambos autores atribuem a imaginação o caráter de exploração da realidade, de aventura, de descoberta e de ação cognitiva.

Contudo, talvez, uma das maiores contribuições deste pedagogo italiano seja a noção

de que a imaginação e a lógica não sejam antagônicas ou divergentes. Pelo contrário. Ambas noções são instrumentos, recursos da inteligência e fundamentais para o desenvolvimento do pensamento lógico e da inteligência. Dewey afirma:

As histórias imaginárias narradas por crianças possuem variados graus da coerência interna: algumas são desconexas, outras articuladas. Quando são conexas, elas simulam o pensamento reflexivo (...) Estas construções fantásticas precedem frequentemente um pensamento mais rigorosamente coerente e lhe preparam a estrada. (DEWEY *apud* RODARI, 1982, p.148)

Sendo assim, o autor reafirma a importância da fantasia quando a reconhece com status de ferramenta do pensamento. Logo após a citação de Dewey em seu livro, Rodari afirma: “Não me parece arbitrário deduzir que a partir daí que, se quisermos ensinar a *pensar*, devemos primeiro, ensinar a *inventar*.” (RODARI, 1982, p.148)

Rodari ainda problematiza as relações entre a manutenção da sociedade capitalista desigual e a criatividade, assegurando que a criatividade possa ter uma função ímpar na sociedade desproporcionada em que vivemos. Afirma: “Para mudá-la (a sociedade) são necessários homens criativos, que saibam como usar a imaginação.” (RODARI, 1982, p.140)

Especialmente relacionada com seu posicionamento político e seu desejo de conhecer e viver em uma sociedade mais igualitária, humana e democrática, a imaginação para Gianni Rodari pode ser vista como uma ferramenta para conhecer e compreender o mundo, além de ser um instrumento de atuação política e social.

Outro conceito importante na obra de Rodari é a criatividade, que me parece ser entendida como característica dos homens que fazem uso da imaginação. Segundo o autor:

Criatividade é sinônimo de pensamento divergente, isto é, de capacidade de romper continuamente com os esquemas da experiência. É criativa a mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade das situações onde deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor, e da sociedade), que recusa o codificado, que manuseia objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo. Todas essas qualidades manifestam-se no processo criativo. (RODARI, 1982, p.140)

Neste contexto, me parece possível afirmar que a criatividade e a imaginação para Rodari são as ferramentas cognitivas imprescindíveis para formar sujeitos críticos e agentes de mudança social. Sendo assim, é crível pensar que as relações entre as três noções analisadas nesse estudo nos apontam pistas importantes para problematizar a educação das crianças, e a escola como ambiente de formação de sujeitos.

Com base nas leituras realizadas, percebo a imaginação e a criatividade como fundantes de uma *nova escola*: uma escola com espaço para a experiência, uma escola que

interpela as crianças e as ouve como quem precisa de suas interpretações e respostas. Uma escola aberta ao novo, ao que nasce a cada dia. Enfim, uma escola livre das habilidades escolásticas reprodutoras dos ideais e valores capitalistas, das desigualdades sociais e culturais.

Em função de suas concepções de mundo e de vida, Gianni Rodari contestava a organização da instituição escolar desde da década de 70. Percebia que a escola precisava se transformar, se modificar. Parece-me possível afirmar que a escola que tínhamos e temos não dá conta das crianças que pretendemos formar. Conforme Rodari, sem a imaginação e a criatividade, a escola se limita a transmitir conteúdos quantitativamente, enquanto o autor propõe que o ensino torne-se qualitativo, encharcado de instrumentos culturais que possam qualificar os conhecimentos infantis.

Finalmente, é importante ressaltar que a preocupação que permeia a obra deste pedagogo italiano, é a criança e a infância. A preocupação com seus direitos, com os recursos a que terão acesso, as ferramentas cognitivas que poderão fazer uso. Nas palavras de Rodari:

Este não é apenas um tema para a imaginação infantil: por isso mesmo acredito que seja um tema particularmente adaptado para as crianças, às quais agrada muito misturar-se com problemas maiores do que elas. É o único modo que dispõem para crescer. E não resta dúvida que elas querem, antes de tudo, crescer. O direito de crescer, na verdade, só é reconhecido por nós em palavras. Cada vez que o levamos a sério, jogamos toda nossa autoridade sobre ele para garantir-lhe o uso. (RODARI, 1982, p.30)

Contudo, ao que me parece, esse excerto da obra do autor me fez pensar que assim como a fantasia e a imaginação sejam importantes para as crianças, também o são para os adultos. Em capítulo *La escuela de la fantasia*, publicado em livro com o mesmo nome, Gianni escreve que

Para nos relacionarmos com as crianças, precisamos de muita fantasia, porque sempre precisamos estar, com a fantasia, um passo a frente das crianças, para desafiá-los a nos alcançar, para desafiá-los a crescer. (...) o discurso sobre a fantasia não está feito somente para as crianças, mas também para nós, que estamos com as crianças. (RODARI, 1974, tradução nossa, p. 79)

Sendo assim, me parece possível pensar que, assim como a linguagem, a imaginação é um instrumento fundamental para o desenvolvimento do pensamento infantil, bem como a atuação social das crianças como sujeitos de direitos. Ao garantir o direito à fantasia, à imaginação estaremos garantindo, de alguma maneira, uma parcela importante e por vezes esquecida, dos direitos das crianças.

5. Nem sempre é necessário dizer tudo o que se sabe

Lettera ai bambini Carta às crianças

E' difficile fare É difícil fazer
le cose difficili: as coisas difíceis:
parlare al sordo, falar com o surdo
mostrare la rosa al cieco. mostrar a rosa ao cego

Bambini, imparate Crianças, aprendam
a fare le cose difficili: a fazer as coisas difíceis:
dare la mano al cieco, dar a mão ao cego,
cantare per il sordo, cantar para o surdo,
liberare gli schiavi, libertar os escravos
che si credono liberi. que já se pensam livres.

Gianni Rodari

A escrita desse estudo foi um exercício constante de aprendizagem. No processo de produção desse trabalho de conclusão, precisei dar conta dos meus anseios, desejos e dificuldades. Precisei lidar com um desejo enorme de dar conta de tudo o que foi produzido sobre o autor e sua obra, bem como de sua vasta bibliografia. Contudo, as escolhas precisavam ser feitas, e elas se deram no sentido de priorizar as noções que atravessavam a obra do autor e que me causavam dúvida e inquietação.

Assim, nesse processo de escolhas, deixei pelo caminho questões importantes e que mereceriam outros estudos, tais como: a função e ou importância do erro na obra de Gianni Rodari, as referências e os princípios educativos que fundam as noções desse pedagogo poeta, e acima de tudo, penso que seria interessante ousar propor as relações entre o pensamento pedagógico de Gianni Rodari e uma Escola da Infância, ou a Pedagogia da Infância. Nesse sentido, pretendo que esses questionamentos orientem meus próximos estudos.

Contudo, assim como meu processo de escrita gerou inquietações e dúvidas, ao mesmo tempo também gerou possibilidade de sistematização de algumas aprendizagens e de problematizar as noções que me impeliam, assim como organizar algumas concepções sobre esses conceitos.

A primeira questão importante de ser mencionada é a potência que as palavras e a linguagem tem na obra deste pedagogo italiano. O autor considera que o acesso a língua e a linguagem são direitos de todo cidadão, uma vez que a palavra tem um potencial libertador das amarras semânticas característicos de um modelo de escola tecnicista, duro, limitador e fatigante. Para tanto, Gianni aposta no uso da linguagem como uma língua como viva, passível de mudanças e de transformações.

Em seu livro *La escuela de la fantasia*, Gianni escreve um capítulo que se chama *La lengua como consenso* (A Linguagem como consenso), onde afirma que:

Agora queremos partir da língua, ou seja, da cultura da criança, e ajudá-lo a construir sobre aquela, a linguagem de sua livre e complexa expressão, a linguagem de sua busca autônoma, da comunicação social, e não a linguagem para dizer sempre sim, mas sim a linguagem para dizer o que sim quando sente que sim e para dizer não quando sente que não. (RODARI, 1974, tradução nossa, p. 79)

Esse excerto do texto de Rodari me permite pensar que a noção de linguagem está intrinsecamente relacionada com a noções de infância, uma vez que a linguagem é o instrumento através do qual a criança age e interage com e no mundo. Assim como a criança age através da linguagem, e essa pode ser, também, um instrumento de autonomia.

Além disso, penso ser importante ressaltar a outro aspecto das relações possíveis entre linguagem e infância. Assim como o mundo precisa recomeçar com cada criança, a linguagem também se (re) constrói com cada criança, já que não existe linguagem anterior ao ser humano. Crianças- alunos ativos, que através da linguagem atuam re-inventando a língua, atribuindo novos sentidos aos usos e des-usos, ao que pensam e fazem. Me parece que as crianças agem através da linguagem, atuam pelas palavras que os ajudam a entender o mundo e a própria linguagem.

Nesse sentido, a linguagem é mais do que um instrumento do pensamento, é através da linguagem que atribuímos sentido do que somos e pensamos. Ao que me parece, essas noções encontram eco nas contribuições de Jorge Larrosa quando afirma:

E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LARROSA, 2002, p.21)

Outrossim, a linguagem enquanto oralidade também dá suporte à fantasia, uma vez que desenvolvimento da linguagem qualifica o repertório fantástico, e possibilita novas formas de ser e estar no mundo. Assim como afirma Rodari: “A linguagem das crianças é formada de imaginação, de pensamento lógico tudo junto.” (RODARI)

Contudo, talvez, uma das maiores contribuições deste pedagogo italiano seja a noção de que a imaginação e a lógica não sejam antagônicas ou divergentes. Pelo contrário. Ambas as noções são instrumentos, recursos da inteligência e fundamentais para o desenvolvimento

do pensamento lógico e da inteligência.

Contudo, as relações entre as três noções analisadas – linguagem, infância, imaginação- nos ajudam a elencar importantes contribuições com relação a uma escola *a favor da criança*. Essa escola teria como seus princípios a imaginação, a criatividade, e a possibilidade da experiência. Nesse sentido, Gianni afirma:

Todavia, exatamente porque a imaginação trabalha apenas com materiais colhidos na realidade (e por isso pode ser maior no adulto), é preciso que a criança, para nutrir sua imaginação e aplicá-la em atividades adequadas que lhe reforçam as estruturas e alongam os horizontes, possam crescer em um ambiente rico de impulsos e estímulos, em todas as direções. ((RODARI, 1982, p.139)

E assim, essa escrita tem seu fim, imaginando uma escola que, assim como sugere Rodari, ensine primeiro a inventar, para então ensinar a pensar. (RODARI, 1982, p.148) Uma escola que ensine a cada criança como se fosse um fato novo, e que, ao mesmo tempo, aprenda com cada uma dessas crianças a perguntar, a inventar, a contar histórias e a aprender.

Contudo, ambiciono que essas linhas despertem em cada um dos leitores o desejo de conhecer o poeta pedagogo Gianni Rodari que assim como eu, acredita em um mundo melhor e busca, através de sua prática, uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e humana.

REFERÊNCIAS:

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

CORSETTI, Berenice. *A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos*. UNirevista - Vol. 1, nº 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível In: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf

DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LARROSA, Jorge Bondia. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. *Metodologia da Pesquisa- Abordagem teórico-prática*. Campinas: Papyrus, 1996.

RODARI, Gianni. *A Gramática da Fantasia*. 7 edição. São Paulo: Summus, 1982.

RODARI, Gianni. *La escuela de la fantasia*. Madri: Editorial Popular, sem ano.

RODARI, Gianni. *Uno y siete*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2007.

RODARI, Gianni. *Favole ao telefono*. Torino: Einaudi, 1962.

RODARI, Gianni. Entrevista. Disponível In:

<http://www.youtube.com/watch?v=kXKxANC3ozs&feature=related>

